

***A REVISTA
LITERÁRIA
PIXÉ NO
PANORAMA DE
PERIÓDICOS
MATO-
GROSSENSES***

***THE REVISTA
LITERÁRIA PIXÉ IN
THE CONTEXT OF
PERIODICALS FROM
MATO GROSSO***

Igor Paulo Rodrigues Pereira (UNEMAT)
Helvio Moraes (UNEMAT)

Revista Literária Pixé – Edição Especial publicada em novembro de 2022

Resumo: *A Revista Literária Pixé* é um periódico eletrônico com sede na capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá e teve sua primeira edição publicada em março de 2019 e a última em maio de 2023, totalizando cinquenta e três edições publicadas ao longo de, aproximadamente, cinco anos. Este artigo, resultado da dissertação de mestrado sobre os editoriais da *Pixé*, tem como intuito apresentar o panorama de alguns

periódicos literários mato-grossenses, partindo do século XX até chegarmos no final da primeira década do século XXI, com a publicação da *Revista Literária Pixé*. Após este movimento elucidaremos alguns pontos relevantes sobre este periódico, como sua diagramação e projeto visual, o fato de ser uma revista independente, seu suporte digital, sua periodicidade e ser um espaço para difusão da produção artístico-literária contemporânea, enquanto órgão de publicação coletiva.

Palavras-chave: Revista Literária Pixé; Periódico Literário Mato-grossense; Literatura Contemporânea.

Abstract: The Pixé Literary Magazine is an electronic journal based in the capital of the State of Mato Grosso, Cuiabá and had its first edition published in March 2019 and the last in May 2023, totaling fifty-three editions published over approximately five Years. This research, the result of the master's thesis on the editorials of Pixé, aims to present the panorama of some Mato Grosso literary journals, from the 20th century to the end of the first decade of the 21st century, with the publication of the Pixé Literary Magazine. After this movement we will elucidate some relevant points about Pixé, as your diagramming and visual design, the fact that it is an independent magazine, its digital support, its periodicity and the fact that it is a space for diffusion of contemporary artistic-literary production, as a collective publishing body.

KEYWORDS: Pixé Literary Magazine; Mato Grosso Literary Periodical; Contemporary Literature.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em março de 2019 a *Revista Literária Pixé* teve sua primeira edição, intitulada “Edição Piloto”, publicada. *Pixé* é uma revista literária, a princípio, digital e que teve a duração de cinco anos de publicações mensais ininterruptas, apresentando poucas variações quanto a periodicidade neste intervalo de tempo. Com sede em Cuiabá-MT, entre março de 2019 a maio de 2023, teve um total de cinquenta e três edições publicadas, sendo estas divididas em trinta e seis edições regulares e dezessete edições especiais.

A fim de localizarmos este periódico no quadro cultural mato-grossense de revistas literárias, arrolaremos os periódicos aos quais tivemos conhecimento durante esta pesquisa, tendo o recorte temporal partindo do início do século XX, até chegarmos no XXI, com o intuito de trazeremos *Pixé* à luz do debate. Durante este processo, que se dará de forma cronológica, abordaremos os periódicos que Hilda Dutra Magalhães cita em *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX (2001)*, bem como, teremos como fonte *Revistas e Jornais: Um estudo do Modernismo em Mato Grosso (2012)*, Marinei Almeida, e da pesquisadora Yasmin Nadaf, com os livros *Sob um signo de uma flor (1993)* e *Páginas do passado: ensaios de literatura (2014)*.

Teremos também como fonte de pesquisa a dissertação de mestrado de Eduardo Mahon, denominada *Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso (2020)*, na qual o pesquisador trata sobre o nascimento de uma geração literária – a Geração Coxipó – passando também por alguns periódicos literários importantes, dos quais aqui citamos.

Feita esta trajetória, que nos possibilitará traçarmos algumas relações entre a *Pixé* e os periódicos que a antecedem, abordaremos algumas características deste periódico, como a sua relação com a produção literária contemporânea, com o suporte digital que oferece e impressões iniciais sobre sua diagramação e projeto visual, o fato de ser um periódico independente e a relação do mercado editorial com a sua periodicidade. Para isto, teremos como fonte principal, Leyla Perrone-Moisés, *Mutações da literatura no século XXI (2016)*, Beatriz Resende, *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI (2008)*, entre outros.

DESENVOLVIMENTO

A história da literatura, no Brasil, é também a história da imprensa brasileira, esta que teve início no país no século XIX, mais especificamente em 1808, com a chegada do rei D. João VI no país. A literatura nesse período teve grande relação com os periódicos da época, pois foi por meio deles que a produção literária foi difundida no país como nos aponta Müller (2011, p. 36): “A literatura no Brasil, principalmente quando se trata do século XIX, sempre teve especial ligação com o jornalismo. Desde o início da imprensa no país, em 1808, a atividade literária sempre encontrou nos jornais e revistas um espaço de difusão e discussão.”

Em Mato Grosso não foi diferente. A literatura produzida no estado também teve grande influência da imprensa, principalmente por conta da dificuldade que havia em se publicar livros de maneira autônoma. A imprensa surgiu na primeira metade do século XIX, em 1839, com o jornal *Themis Mattogrossense*, primeiro jornal efetivamente mato-grossense, escrito e impresso na capital do estado.

Por conta das dificuldades encontradas para se publicar no século XIX, os escritores tinham como opção publicar suas obras em jornais e revistas. Era um dos métodos mais fáceis e baratos para que seus textos fossem publicados e circulassem entre os leitores:

De 1839 a 1939, durante o primeiro século de existência da imprensa no Estado, circularam na província mais de 120 jornais. Embora de vida efêmera, foram jornais bem lançados, com boas equipes de redatores. Numa época em que era praticamente impossível aos

escritores locais a publicação de seus livros, buscava-se o jornal como forma de divulgar esta produção intelectual. Ao lado dos muitos jornais constatou-se, também, a presença de revistas que contribuíram para o movimento intelectual no Estado, a começar pelas clássicas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a da Academia Mato-grossense de Letras. Também merecem destaque a revista *Violeta*, órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes e a revista *Pindorama*. (Mello, 2003, p. 29)

É nesse sentido que a imprensa e a literatura estabeleceram relações. A imprensa brasileira abria mais espaço para escritores e estes produziam para que sua obra pudesse alcançar mais leitores. Neste movimento, foi possível diversos nomes surgirem na literatura brasileira. Autores como Machado de Assis e José de Alencar iniciaram suas carreiras como literatos através de jornais e revistas. Foi a imprensa que forneceu possibilidades para que eles – os escritores – publicassem suas obras, num campo muito específico: os rodapés dos jornais e revistas.

Dito isto, numa das pesquisas sobre literatura produzida em Mato Grosso no século XX, intitulada *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX* (2001), Hilda Gomes Dutra Magalhães cita alguns periódicos importantes. As revistas que a pesquisadora comenta são datadas das primeiras décadas do século XX. A autora as considera como algumas das mais relevantes para o início do século passado, como podemos observar:

No que respeita aos jornais e revistas literárias, dentre os vários surgidos nas décadas de 1910 e 1920, destacamos o **Automatismo**; **O Colibri** – órgão noticioso humorístico e literário; **O Cruzeiro** – órgão dedicado às letras, pilhérico e noticioso; **Escola** – folha literária jovial e crítica; **A Juventude** – periódico literário,

crítico, esportivo e noticioso; **A Letra** – órgão da Sociedade Literária Rui Barbosa; **O Mato Grosso** – revista mensal de Ciências, Letras e variedades; **O Pharol** – órgão literário, crítico e noticioso; **A Violeta** – órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes; **A Imprensa** – periódico literário, crítico e noticioso; e **O Ferrão** – crítica, dá notícia e faz literatura. (Magalhães, 2001, p. 39-40)

Estes são apenas alguns dos periódicos do início do século passado que Magalhães (2001) apresenta em seu trabalho. Temos outras revistas que exerceram grande influência na difusão literária em Mato Grosso no século XX, que trataremos a seguir.

Nesta sequência, um dos suplementos literários mais importantes e com maior longevidade, que exerceu grande influência na produção artística literária mato-grossense no século passado, servindo como suporte e espaço de divulgação, datando de 1916 até sua última publicação em meados de 1950, foi a revista literária *A Violeta*.

Não se trata apenas da revista mais longeva do estado, mas de um periódico voltado para o público feminino. Estes são dois dos vários motivos que fizeram com que ela se tornasse *corpus* de pesquisas acadêmicas, como a de Nadaf (1993), Parolin (2003), Baldissarelli (2018), Arruda (2019) e a pesquisa em andamento de Guedes (2021-), por exemplo.

Ela teve a contribuição apenas de mulheres mato-grossenses e Nadaf (1993, p. 18), em sua pesquisa sobre o periódico, contabilizou um total de 309 edições. Além disto, afirma: “*A Violeta* não falou só de flores às quais nos remete o seu título de batismo: tampouco se ocupou apenas da literatura, o que nos impossibilita enquadrá-la numa linha de periódicos exclusivamente literários.” (Nadaf, 1993, p. 38). À frente do

corpo redatorial do periódico temos os nomes de Maria Dimpina, Bernardina Rich, Mariana Póvoas e Benilde Moura, cada uma das quais assumindo a direção em momentos diferentes ou de forma concomitante, como no caso de Póvoas e Moura, de maio de 1937 a julho de 1938 e Dimpina e Moura, de agosto de 1938 a abril de 1940, de acordo com Nadaf (1993).

Mato Grosso também teve, no dia sete de setembro de 1935, publicada a revista *Cidade Verde*, na capital do Estado. Sua periodicidade era quinzenal e teve como diretor L. Barbosa Garcia. Além disso, como aborda Campos e Mahon (2023, p. 31-32), “teve sua redação e administração situadas na rua Antônio Maria, nº 44, no centro de Cuiabá-MT. A primeira edição foi lançada no dia 7 de setembro de 1935, não por acaso coincidindo com as festividades cívicas relativas à independência do Brasil.” Os pesquisadores tiveram acesso a três edições do periódico por meio da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (BN), sendo as edições nº 1, 2 e 4. Sua periodicidade, inicialmente, foi quinzenal e, como destacam no artigo, tornou-se mensal. Ainda que anunciado enquanto um periódico “modernista” pela BN, Campos e Mahon concluem não ter sido o caso. Como pontuam, não há compromisso com a estética modernista, mas com a manutenção de valores conservadores, com a estética passadista.

Outra revista de grande influência para o cenário mato-grossense foi *Pindorama – Revista de Crítica e Literatura* que teve em sua direção Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e João Batista Martins de Melo. Magalhães (2001) afirma que se tratava de uma revista que buscou trazer o movimento modernista para Mato Grosso, que vivia um momento de anacronia na sua produção literária, atrasada dezessete anos, quando comparada à

Semana da Arte Moderna, em 1922, marco inicial do movimento modernista no Brasil. Surge, então “(...) um grupo de jovens escritores inconformados com a situação cultural do Estado. Fruto desse inconformismo surge, então, Pindorama – Revista de Crítica e Literatura, lançada em 1939, com o objetivo de propagar o movimento modernista no Estado.” (Almeida, 2012, p. 50)

Pindorama, para Magalhães (2001, p. 125), foi uma revista que fracassou na tentativa de concretizar suas ideias. Contudo, ainda que não tenha conseguido que o movimento modernista mato-grossense se instaurasse, trouxe grandes nomes para o cenário cultural. Nomes como Silva Freire e Wladimir Dias-Pino, que contribuíram periodicamente e, hoje, são autores de referência na literatura de vanguarda brasileira.

No entanto, ainda que para alguns críticos ela tenha fracassado enquanto projeto estético, a revista criada pelo grupo de jovens influenciou a criação de outras revistas literárias de grande importância, bem como, antes de sua dissolução, lançou o *Movimento Graça Aranha*, em 1939. “Entretanto, sabemos que este Manifesto foi uma das últimas, ou a última, atividade do grupo Pindorama antes da separação de seus colaboradores, quando, então, cada componente optou por uma caminhada própria.” (Almeida, 2012, p. 80).

Almeida (2012, p. 45) afirma que o periódico teve influência nas próximas gerações, no sentido de criarem outras revistas, como *O Arauto de Juvenília*, *Sarã* e *Ganga*:

Contudo, parece que não erramos ao afirmar que, se houve fracasso enquanto proposta estética de um lado, por outro o grupo Pindorama conseguiu seu intento, fazendo com que o grito em favor de “Novidade e Atualidade” ecoasse nos anos posteriores e chegasse até aos [sic] grupos continuadores,

resultando em: *O Arauto de Juvenília, Sarã e Ganga*, periódicos em que atuaram nomes que hoje são literariamente reconhecidos, como Silva Freire e Wladimir Dias Pino.

Em dezembro de 1945, Raimundo Maranhão Ayres idealizou e dirigiu o jornal *Novo Mundo*. Foi também um periódico de grande importância para Mato Grosso, visto estar engajado em causas sociais e políticas, além de ter oferecido espaço para que, tanto autores conhecidos como em busca de reconhecimento, pudessem publicar seus escritos. Teve a contribuição de escritores hispano-americanos, publicando, assim, textos na língua original destes. Em resumo:

Rompendo em meio a uma realidade, ao mesmo tempo progressista e deficitária, o Novo Mundo aboliu as noções de fronteira, de cânone e de hegemonia. Nivelou a geografia, irmanou territórios e desbancou as diferenças e distâncias geográficas, econômicas, sociais, e culturais. Sem constrangimento, derrubou os muros que dividiam os povos e eliminou conceitos como o de nações mais poderosas ou culturais mais evoluídas. Provou que todos os povos são iguais, com direitos idênticos, e deu o exemplo: um povoado encravado nos sertões de Mato Grosso podia transformar-se em referência para um novo mundo, um mundo melhor. (...) Escritores, jornalistas, fundadores e editores de jornais e revistas, professores de diversas áreas, políticos, acadêmicos, dirigentes de agremiações literárias, americanistas, entre outras de cunho científico, tiveram participação efetiva ou esporádica no jornal e muitos, ainda, fizeram nele a sua estreia nas letras. (Nadaf, 2014, p. 77-79)

Quatro anos após o lançamento de *Novo Mundo*, há o surgimento do jornal literário *O Arauto de Juvenília*, em novembro de 1949:

Dez anos após o aparecimento de Pindorama, foi lançado, a 27 de novembro de 1949, na cidade de Cuiabá, o primeiro número de *O Arauto de Juvenília*, bem mais agressivo e mais consistente que Pindorama. O Arauto teve como diretor o poeta Benedito Santana da Silva Freire e como secretário Wladimir Dias Pino, seu principal participante. A sede da redação instalou-se, a princípio, na rua Ricardo Franco, n. 163; depois, mudou-se para a rua Cândido Mariano, n. 539 – Caixa Postal 95 – “Na Velha Cuiabá – Estado de Mato Grosso”. (Almeida, 2012, p. 36-37)

Silva Freire e Wladimir Dias-Pino, como citado anteriormente, foram dois escritores que participaram não apenas de *Pindorama*, do *Movimento Graça Aranha*, como uma década depois criaram *O Arauto*, buscando contribuir com a literatura produzida no estado em meados do século XX, como argumenta Ramos (2007, p. 42-43): “Os dois autores, Pino e Freire, criaram juntos as revistas *O arauto de juvenília* e *O saci*, importantes publicações que serviram para divulgar novos valores no estado de Mato Grosso”.

Durante esse processo de modernização artística mato-grossense, surgiu em 31 de janeiro de 1951, dois anos após *O Arauto*, o jornal *Ganga – Jornal de Cultura*, sob a direção de João Antônio Neto. “Na verdade, foi a partir das publicações de **Ganga** que os poetas contemporâneos puderam desenvolver as suas novas propostas estéticas, ainda insípidas e embrionárias.” (Magalhães, 2001, p. 156). E paralelamente a *Ganga*, em março de 1951, surge o jornal *Sarã*, tendo como redator Wladimir Dias-Pino.

De acordo com Almeida (2012, p. 122), Dias-Pino teve grande influência neste processo de modernização, pois foi o

precursor de um movimento vanguardista no Estado, chamado *Intensivismo*:

Como um dos fundadores dos periódicos literários mato-grossenses do final da década de 40 e início da década de 50, Wladimir Dias Pino trouxe uma nova movimentação literária para o Estado. Foi através do jornal literário *O Arauto de Juvenília*, de 1949, que definiu a luta em prol da modernização cultural. Esta luta foi definitivamente delineada em *Sarã*, de 1951 a 1952, jornal literário que traz estampado em suas páginas a indignação diante do passadismo em forma de manifesto, de poesia e de xilogravuras – elementos responsáveis pela transmissão do desejo de modernização cultural.

Sobre este movimento, Ramos (2019, p. 282) afirma: “o autor, juntamente com o poeta mato-grossense Silva Freire, fundou o Intensivismo, movimento que precedeu ao Concretismo, no começo da década de 50, em Cuiabá. O manifesto foi publicado nos números 3 e 4 do jornal SARÃ.” (Ramos, 2019, p. 282).

Segundo Almeida (2012, p. 125), Dias-Pino “considera também que, com o Intensivismo, que proclamava a valorização da imagem no poema, a visualidade começava a ter uma grande importância na poesia.” Neste sentido, neste movimento vanguardista há a aproximação da imagem à escrita no poema, criando imagens poéticas.

Ressaltamos ainda a importância que Dias-Pino teve na produção literária deste período, não apenas por intermédio das suas obras, mas também através dos meios que colocou à disposição para que outros escritores também pudessem publicar. Ele foi responsável pela parte gráfica de

O Arauto e *Sarã* e, além disso, deu origem ao jornal *Japa*, em 1953, como afirma Almeida (2012, p. 120): “Junto com Silva Freire, também fundou, no Rio de Janeiro, em 1953, *Japa* – jornal responsável pela divulgação e publicação de autores mato-grossenses”. Contudo, o jornal que criou com Freire em 1953, ainda que veiculasse a produção de autores mato-grossenses, não foi um jornal produzido em Mato Grosso.

Cerca de quatro décadas após o lançamento de *Sarã*, Mato Grosso vê surgir uma nova revista literária que buscava insurgir contra o academicismo presente nas letras do estado. Em outubro de 1992, temos a primeira edição da revista *Vôte!*. O academicismo ao qual se opunha foi, em Mato Grosso, como Mahon (2020) aborda, um projeto literário instaurado por José de Mesquita e Dom Aquino, que poetas e escritores mato-grossenses, em muitos casos integrantes da AML, seguiam na produção de suas obras. Como podemos observar, nas suas palavras:

A Academia Mato-grossense de Letras era, portanto, uma projeção cultural desse domínio totalizante (...) A “cultura de academia” – emulativa, passadista e inclinada a receber mais personalidades ilustres da sociedade cuiabana do que escritores – predominou por toda a segunda metade do século XX. Imitando uns aos outros até a atualidade, buscam autorreferentes argumentos de autoridade para validar sua posição desvencilhada da literatura, reivindicando um estatuto mais amplo para a expressão “letras”, o que gera perplexidade ao constatar que vários membros da AML não escreveram um único livro de ficção/poesia, ou simplesmente não publicaram nenhum livro. (Mahon, 2020, p. 58)

Neste sentido, ainda que o movimento fracassado de *Pindorama* e do *Manifesto Graça Aranha* em trazer modernização às letras de Mato Grosso tenha sido alcançado a partir de *O Arauto*, *Ganga e Sarã*, havia outro problema nas letras do Estado: o academicismo, diante do qual a revista *Vôte!* se manifestava na contramão. Ela buscava, antes de tudo, negar a estética tradicionalista que a dupla José de Mesquita e Francisco de Aquino Corrêa implementaram. Ela surgiu como uma revista que buscava outras alternativas de produção literária. “O conteúdo da revista *Vôte!* não reproduziu o tom laudatório da estética tradicionalista da Academia Mato-grossense de Letras, mas posicionou os jovens autores na mesma armadilha autorreferente da cuiabanidade (...)”. (ibid., p. 128)

Apesar disso, *Vôte!* foi um dos periódicos – mais especificamente, o segundo – que serviu como palco para uma nova geração de escritores mato-grossenses: a Geração Coxipó, grupo que Eduardo Mahon (2020) estuda em sua dissertação, analisando o quadro cultural mato-grossense do final do século XX e início deste.

Anterior à revista *Vôte!* foi o periódico *Saco de Gatos* – *uma produção ainda pendente*. Contudo, como aponta Mahon, foi um projeto que surgiu ainda na fase inicial do grupo e, portanto, “Ainda não estava delineada a temática defensivista, predominante da revista *Vôte!* em diante. O Saco de Gatos enfatizava mais a estética *beatnik* importada dos grandes centros, que chegava nos livros trazidos por amigos.” (ibid., p. 139).

Outra revista que merece destaque por ter se manifestado esteticamente contra o academicismo e da qual a Geração Coxipó participou ativamente foi *Estação Leitura*, cuja primeira edição

foi publicada entre fevereiro e março de 2004, tendo como diretor Wander Antunes. Contudo, ainda que seu projeto estético fosse divergente do academicismo:

A Estação Leitura não pontificava a cuiabanidade como o fazia *Vôte!*. Ainda que os autores da Geração Coxipó estivessem presentes na publicação, Cuiabá começou a sair lentamente do protagonismo dos textos literários, dando lugar às angústias existenciais e desafios do contemporâneo. (ibid., p. 169)

Aproximadamente dois anos após *Estação* surgiu, em 2006, em Chapada dos Guimarães - MT, a revista *Fagulha*, editada por Juliano Moreno. A revista teve uma edição publicada anualmente, mas não apresentou nenhuma espécie de manifesto, como aconteceu em *Pindorama*, como podemos observar nas palavras de Mahon (2020, p. 175): “A distribuição estava centrada no Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães, ensejando uma única edição por ano. Na publicação, não houve qualquer tipo de manifesto literário, (...) A crítica social, que já se ensaiava noutros periódicos anteriores, ficou mais visível na *Fagulha*.”

Após *Fagulha*, no final de 2017, surge a revista eletrônica *Ruído Manifesto*, abrindo espaço tanto para a Literatura quanto para a Crítica e o Audiovisual, tendo sua produção veiculada em meio digital e com sede na capital do Estado. Idealizado por Rodivaldo Ribeiro, o periódico em 2024 continua sendo suporte para a produção literária brasileira produzida em Mato Grosso.

Dois anos após *Ruído Manifesto*, surge outra revista literária que serviu de suporte para veiculação das publicações de alguns escritores da Geração Coxipó: a *Revista Literária Pixé*,

com sua primeira edição, intitulada Edição Piloto, publicada em março de 2019. Periódico idealizado e dirigido por Eduardo Mahon, surgiu em período coincidente com sua pesquisa de mestrado sobre essa geração.

Ainda que nosso propósito seja tratarmos dos editoriais deste periódico literário, apresentaremos outras revistas que surgem posteriormente e que compõem o quadro de revistas literárias contemporâneas produzidas em Mato Grosso. Nesse sentido, aproximadamente um ano após a primeira edição da *Revista Pixé*, em abril de 2020, foi publicada a primeira edição da *Revista Matapacos, uma revista de experimentalismos*, idealizada pelo Coletivo Coma a Fronteira, tendo sua produção em meio digital. É um periódico que teve até o momento um total de quatro edições publicadas, sendo a primeira e a segunda edições publicadas em abril do mesmo ano, a terceira, em maio, e a última, em julho de 2020.

No ano seguinte, temos a publicação da *Revista Le!a - Ensaios e Insights*, organizada pelo Sesc-MT, com o lançamento oficial no dia 10 de novembro de 2021 no Teatro do Sesc Arsenal, localizado em Cuiabá-MT, e teve como editor Caio Augusto Ribeiro.

Vale, ainda, ressaltar que grande parte dos periódicos listados foram veiculados em suporte impresso, com exceção da *Pixé*, *Matapacos* e de *Ruído Manifesto*. Quando nos atemos a *Pixé*, observamos se tratar de um periódico digital, que teve a duração de cinco anos ininterruptos, com publicações, a princípio, mensais, que não se sustentaram nos últimos dois anos, tendo algumas edições descontinuadas. Nos dois primeiros anos, publicou mensalmente e, após a vigésima quarta edição, publicada em março de 2021, teve a primeira lacuna de dois

meses, até a próxima edição regular, foi publicada somente em junho de 2021. Contudo, no mês de abril de 2021, publicou a Edição comemorativa. Houve outra ausência entre junho e agosto de 2021, e mais uma lacuna de dois meses entre a edição de agosto de 2021 (Edição nº 26) e a de novembro do mesmo ano.

Após novembro de 2021, notamos que sua periodicidade se torna irregular, tendo mais algumas lacunas entre uma edição regular e outra e meses em que há apenas uma edição especial publicada, ao contrário do que acontecia anteriormente, em que havia a publicação mensal das edições regulares com a publicação de uma edição especial. Destacamos ainda uma lacuna de três meses entre a edição de setembro de 2022 (Edição nº 32) e a de janeiro de 2023 (Edição nº 33).

Todas suas edições, as trinta e seis edições regulares e as dezessete edições especiais, encontram-se disponíveis em *site* oficial do periódico, organizadas de forma cronológica e disponibilizadas gratuitamente. No *site* oficial, encontramos uma pequena apresentação sobre a revista:

Pixé é uma revista literária criada pelo escritor Eduardo Mahon. Nasceu como periódico eletrônico, assumindo uma versão exclusivamente digital, com objetivo de divulgar a Literatura e a arte contemporânea em Mato Grosso. Em pouco tempo, ganhou as primeiras publicações impressas, além de ser enriquecida por contribuições de artistas nacionais e internacionais. Juntamente com edições mensais, a revista apresenta um considerável número de edições especiais, cujos temas foram escolhidos entre o editor-geral e curadores convidados. A Revista Literária Pixé foi descontinuada após 5 anos de circulação ininterrupta, mas todo o conteúdo produzido está disponível pública e gratuitamente para os leitores e pesquisadores. (Revista Literária Pixé, 2023).

Como apontado na apresentação do *site* oficial, ainda que um periódico literário digital, em pouco tempo teve parte de suas edições impressas. Em seu terceiro ano, ganha a primeira edição especial – mais especificamente em maio de 2021 -, com a tiragem de todas as edições de março de 2019 a março de 2020, e em novembro de 2022, a tiragem das edições de abril de 2020 a março de 2021. Há também uma edição comemorativa, publicada em abril de 2021, dos editoriais do primeiro ao terceiro ano da revista, como podemos observar a seguir:

Capas das edições impressas da *Revista Literária Pixé*



Revista Literária Pixé – Edição Especial publicada em maio de 2021. *Revista Literária Pixé* – Edição Especial publicada em novembro de 2022. *Revista Literária Pixé* – Edição Comemorativa publicada em abril de 2021.

Outra característica importante é a de se tratar de um periódico que não se restringe à produção literária, abrindo espaço para outras produções artísticas. É um espaço democrático, aceitando também a crítica literária, assim como pensadores, artistas plásticos, etc., e como disserta Rocha (1985, p. 34): “Seja como for, a revista literária ou de interesse literário

é, por definição, um espaço de afirmação colectiva de criadores – a que podem juntar-se críticos literários, pensadores, homens de cultura ou artistas plásticos.”. Justamente por esta característica, a *Pixé* dá espaço também, não apenas a escritores, mas também artistas plásticos, que contribuem em todas as suas edições.

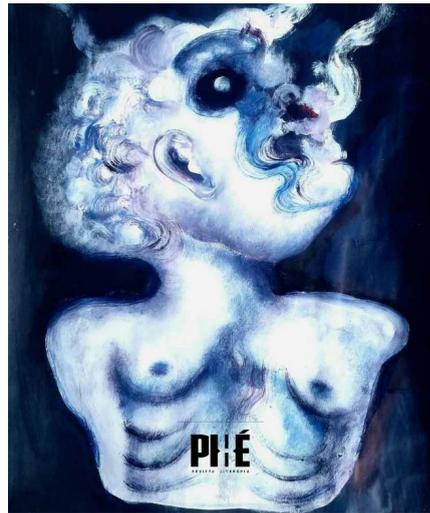
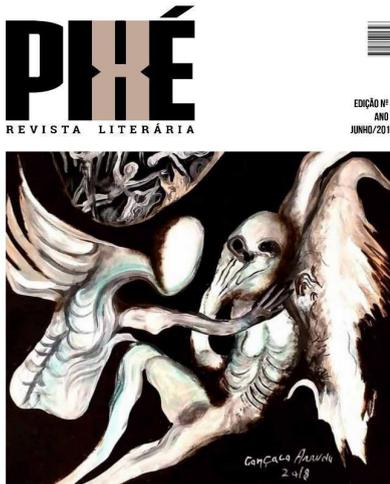
Dito isto, a diagramação e o projeto visual deste periódico são pensados a partir das obras do artista que participa da edição, sendo as obras, por vezes, pinturas e fotografias, entre outros tipos de artes visuais. Esta junção de outras artes e literatura, apostando na apresentação visual da revista não é, contudo, inédita em Mato Grosso, nem algo exclusivo da *Pixé*. A primeira revista em Mato Grosso a integrar em suas páginas fotografias foi *A Violeta*, ainda que isto não tenha se dado de maneira concomitante à sua criação, como foi o caso de *Pixé*:

Contrariamente à publicidade, que surgiu no primeiro número de *A Violeta*, a ilustração só se fez presente a partir do vigésimo quinto número, trazendo foto de um grupo de enfermeiras não identificadas, na casa: a da escritora Júlia Lopes de Almeida, na p. 1; e a de um grupo de sócias do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, na p. 7. (Nadaf, 1993, p. 35)

O primeiro número de *Vôte!* revela duas propostas que não são novas: “resgatar” a memória cuiabana e, de outro lado, “falar de Cuiabá e do cuiabano”. Nesse aspecto, o periódico poderia integrar tantos outros conservadores que visavam à reprodução da cultura erudita e academicista. Ocorre que, mesmo Aclyse de Mattos tendo textualmente se referido ao “resgate”, o que *Vôte!* apontava era para uma nova fórmula de literatura: (a) amplo uso de imagens: desenhos, pinturas e fotografias; (b) sensualidade nas histórias em quadrinhos; (c) valorização de Cuiabá como centro de produção cultural; (d) participação da crítica literária formada por professores da Universidade Federal de Mato Grosso.

Não obstante, o aspecto visual da revista *Pixé* nos parece mais bem elaborado. O projeto gráfico foi desenvolvido por Roseli Mendes Carnaíba em todas as edições. Cada uma possui um artista visual convidado, o qual, em alguns casos, é o mesmo artista que o periódico homenageia na edição. Em consonância a isto, a diagramação é feita de forma a dialogar com as artes visuais. Os tons de cores produzem uma relação harmoniosa com as ilustrações presentes em suas páginas, o que a transforma numa revista cheia de cores vivas, uma de suas características mais marcantes: “Em relação ao aspecto gráfico, a revista iniciou nada pouco tímida quanto ao uso de cores e ilustrações; estas, sempre feitas a partir de trabalhos já produzidos de artista regional, nacional ou internacional.” (Nora; Zortea; Guedes; Gindri, 2023, p. 178). A seguir, apresentamos alguns exemplos:

Capa e contracapa da terceira edição da *Revista Literária Pixé* com o artista visual convidado Gonçalo Arruda



Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br>

Neste processo, a literatura veiculada ao longo das edições deste periódico, encontra-se em confluência com outras artes, como as ilustrações, fotografias e pinturas, tornando a *Pixé* um periódico não apenas textual, mas também não verbal, que se utiliza de outras formas de linguagem.

Outro ponto a se destacar sobre este periódico é o fato de ser um projeto artístico-literário que, em regra, não possuiu parcerias, apoio institucional e, portanto, não possuiu marcas de patrocinadores em suas páginas, como acontecia com muitos periódicos literários, sendo, portanto, uma revista independente e as produções nele veiculadas cedidas gratuitamente. Contudo, ainda que tenha sido um projeto que se deu através de esforços por parte de seu idealizador, contou com apenas uma edição que resulta de duas parcerias, a edição especial de dezembro de 2022, conexão Conexão China (Fujian) e Brasil (Mato Grosso), que conta com os parceiros O Estado de Mato Grosso e Fujian Foreign Affairs¹, como podemos ver a seguir:

Ainda que esta edição apresente incentivos externos e parcerias, a *Pixé* foi um projeto artístico literário independente. As mídias eletrônicas, como o computador, a internet, possibilitaram que os escritores e artistas em geral pudessem produzir e divulgar suas obras de maneira mais fácil, sem perder a qualidade e sem a necessidade de patrocínio ou aval da crítica especializada. A internet possibilita aos escritores poderem publicar, divulgar e, o mais importante, serem lidos, sem a necessidade de intermédio de uma editora, como nos aponta Perrone-Moisés (2016, p. 46): “A internet tem permitido a autopublicação de novos escritores, mas não modificou substancialmente seus procedimentos estilísticos.” Há a possibilidade da autopublicação sem a intermediação de

¹ Tradução: Relações Exteriores de Fujian

editoras profissionais ou parcerias.

Entretanto, a edição especial publicada através de parceria entre a *Pixé* e o Governo Estadual demonstra a importância que as entidades governamentais exercem na produção cultural no país. Ainda que a internet facilite a publicação e veiculação, há custos envolvidos no processo de produção, como no caso em discussão. Desde a implementação do mercado editorial no país, os incentivos estatais tiveram grande relevância na consolidação do mercado editorial, o que não foi diferente em Mato Grosso.

João Mützemberg (2006, p. 25) esclarece o papel mediador do Estado neste processo, quando aborda o mercado editorial em Mato Grosso “Sobre o exposto até aqui, gostaria de reiterar a presença do Estado como mediador na esfera cultural.”. Na sequência, destaca ainda a observação de Carlos Gomes, o primeiro presidente da AML, e do historiador Lenine Póvoas sobre a influência do governo:

Tanto o presidente da Academia Mato-grossense de Letras, o poeta Carlos Gomes de Carvalho, quanto o historiador Lenine Póvoas enfatizam a importância da atuação governamental para a consolidação das Letras mato-grossenses. Presença que se traduz como estimulador educacional com a implantação de escolas públicas, como mecenas, como posto de trabalho para intelectuais e, mais recentemente, com a Fundação Cultural, a Casa da Cultura e leis de incentivo à cultura. Esta presença do Estado, antes de ser questionada, é reivindicada pelos intelectuais, haja vista o mercado editorial ainda embrionário em Mato Grosso, cujas vendagens não permitem muitas vezes ao autor pagar os custos de produção da Obra (...) (ibid., p. 25)

Mützemberg salienta também que, em Mato Grosso, a imprensa periódica ainda está em fase de desenvolvimento, quando compara esta atividade a dos grandes centros hegemônicos do país. Grande parte dos incentivos estatais são voltados a editoras que estão no Centro-Sul brasileiro, o que demonstra sua predominância neste mercado. Neste sentido, afirma que “Se esta região conseguiu impor sua hegemonia no mercado editorial brasileiro, Mato Grosso começa, só agora, de forma ainda bastante lenta, a desenvolver uma atividade editorial de forma mais profissional.” (ibid., p. 20). Como consequência, o mercado editorial mato-grossense encontra dificuldade na produção e em sua própria manutenção neste mercado, dado o volume menor de incentivos.

A *Pixé* é uma iniciativa privada sem fins lucrativos e não possui vínculo com uma editora, ainda que de menor porte. Numa entrevista² concedida à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no dia 20 de junho de 2023, organizada pelo professor Isaac Newton³ e pela mestranda Aline Almeida⁴, o editor, ao argumentar sobre a periodicidade do projeto e sobre os custos, conforme o editor destaca:

É uma periodicidade muito difícil. Foi um custo muito alto e eu dizia à diagramadora: “olha, não vou manter isso pra sempre, porque não é a minha fonte de renda.”. Eu comecei numa visão e acabei indo para lugares completamente diferentes. (Mahon, 2023)

2 Entrevista disponível na plataforma do *Youtube*, pela página da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=KbGPVHQzuvA>

3 Isaac Newton de Almeida Ramos, docente no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Campus Tangará da Serra - MT e no campus de Alto Araguaia-MT.

4 Aline Almeida da Silva, Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – Tangará da Serra.

Sua fala nos esclarece sobre as dificuldades encontradas na manutenção das publicações mensais, que envolviam um alto custo na produção do periódico, como também as dificuldades encontradas pelo editor ao coordenar os processos que envolvem a produção e veiculação de uma obra, ou seja, para adentrar no mercado editorial. Nesta mesma entrevista, deixa claro, mais adiante, o custo envolvido na produção do periódico: “O custo é enorme. Pra vocês terem uma ideia, pra fazer no primeiro ano, nós gastamos 180 mil. Eu gastei 180 mil. No segundo ano, custou gastei 220 mil. É muito. Não é uma brincadeira.” (Mahon, 2023)

Mützemberg (2006) afirma que os escritores mato-grossenses – referindo-se aos primeiros anos do século XXI, momento no qual a pesquisa foi feita – recorriam às leis de incentivo para que pudessem ter suas obras publicadas, principalmente pela justificativa do alto custo envolvido na produção de seus livros:

Aqui em Mato Grosso escritores têm recorrido às leis de incentivo como forma de financiar sob o argumento de que o custo da edição e a pequena circulação de um livro inviabilizam o investimento próprio. E esta defesa não se limita a escritores, mas também editores consideram importante os incentivos públicos ao setor por conta de um mercado que ainda não apresenta a dinâmica de outros centros maiores. (Mützemberg, 2006, p. 128)

O elevado custo na autopublicação ainda é uma realidade, como podemos observar pelas altas cifras que envolveram o processo de produção das edições da *Pixé* e, ainda que uma das características dos periódicos literários seja a possibilidade da veiculação de obras a custo baixo, isto não parece implicar em baixo custo no processo de produção desta revista.

No século passado, os idealizadores dos periódicos enfrentavam problemas de escassez de recursos para suas tiragens e muitas revistas tinham a periodicidade e a vida útil afetada por questões financeiras. A revista *A Violeta*, como outros periódicos, inclusive mato-grossenses, possui assinatura mensal. “Segundo se anuncia em sua capa, cobrou-se mensalmente por *A Violeta* a importância de 1\$000 para a Capital mato-grossense, e 1\$200 para outras localidades, e 1\$200 pelo exemplar avulso (...)” (Nadaf, 1993, p. 31).

A *Revista Literária Pixé*, desde a sua primeira edição, circulou de forma gratuita e ampla. A publicação em veículos alternativos, de amplo acesso e de forma gratuita, possibilita aos artistas expandirem suas possibilidades, principalmente quando pensamos nos suportes digitais.

Quase todos os periódicos citados, ainda que partissem de iniciativa privada, como é o caso de alguns, contaram com patrocinadores ou apoio para que pudessem ser impressos. Por um lado, havia o interesse de determinado grupo de escritores na divulgação de suas obras e de outro, a necessidade da divulgação de seus parceiros comerciais. A falta de políticas públicas voltadas à produção cultural e o alto custo na produção dos periódicos foram empecilhos para os idealizadores de tais projetos, mas sempre houve certa participação da iniciativa privada neste processo.

Os esforços que um editor de periódicos ou autor se propõe a enfrentar, encontram-se, como afirma Müttemberg, inseridos em um processo mais complexo da imprensa editorial mato-grossense. O pesquisador afirma que – nos referimos ao ano de sua pesquisa, 2006 – as pequenas editoras do estado na verdade eram pequenas gráficas que apresentam um selo editorial, como a Verde Pantanal e Carline & Carniato e destaca que:

A criação de selo editorial próprio não pode ser vista aqui apenas como uma estratégia para fugir das imposições de grandes editoras dos centros maiores. Reflete, principalmente, um mercado editorial bastante embrionário em que cada autor obriga-se a enfrentar sozinho o desafio de editar um livro. É certo que já existem em Mato Grosso, como visto neste trabalho, editoras em condições técnicas de editarem um livro que nada fica a dever aos grandes centros do país. Entretanto, a dificuldade de distribuição é comum a todas elas, fato que pode motivar, também, a busca por uma aventura editorial própria. (Mützemberg, 2006, p. 132)

Além destes desafios concernentes aos aspectos mais práticos da produção da revista, é possível que o editor da *Pixé* tenha sido motivado à sua criação também pela necessidade da diversidade de espaços para escritores mato-grossenses no século XXI. Não chega a ser uma lacuna, pois percebemos que *Fagulha* surgira em 2006 e, após pouco mais de uma década, em 2017, surgiu o periódico eletrônico *Ruído Manifesto*. De todo modo, o pequeno número de iniciativas parecidas se faz sentir, e pode ter servido de estímulo para a concepção de um projeto como o da revista *Pixé*.

Com relação ao suporte do periódico, Hayles (2009, p. 61) afirma que “A literatura no século XXI é computacional (...), quase todos os livros impressos são arquivos digitais antes de se tornarem livros.” Algo neste sentido pode ser dito em relação às revistas literárias. Como vimos, a *Revista Pixé* a princípio não foi concebida para o formato impresso, sendo seu processo de produção realizado exclusivamente pelo meio digital, pelo que convencionamos chamar de mídias digitais. Seu suporte é, portanto, diferente daqueles convencionais do século passado.

Isto nos remete ao conceito de Arlindo Machado sobre ar-

temídia: a possibilidade de os artistas utilizarem-se dos recursos tecnológicos do seu tempo para a produção artística. Desta forma, subvertem a função original da internet, do computador, da fotografia, dos aplicativos de edição, para a produção de arte. O autor assim define a artemídia:

Stricto Sensu, o termo compreende, portanto, as experiências de diálogo, colaboração e intervenção crítica nos meios de comunicação de massa. Mas, por extensão, abrange também quaisquer experiências artísticas que utilizem os recursos tecnológicos recentemente desenvolvidos, sobretudo nos campos da eletrônica, da informática e da engenharia biológica. Incluímos, portanto, no âmbito da artemídia não apenas os trabalhos realizados com mediações tecnológicas em áreas mais consolidadas, como as visuais e audiovisuais, literatura, música e artes performáticas, mas também aqueles que acontecem em campos ainda não inteiramente mapeados – como a criação colaborativa baseada em redes, as intervenções em ambientes virtuais ou semivirtuais, a aplicação de recursos de hardware e software para a geração de obras interativas, probabilísticas, potenciais, acessíveis remotamente etc. (Machado, 2007, p. 7-8)

A *Pixé*, portanto, é uma forma de artemídia. Essencialmente eletrônica, utiliza-se de aparatos tecnológicos e de outros recursos, como computador, internet, literatura e artes visuais para dar vida às suas edições.

Além do mais, este processo se faz na possibilidade de se desmaterializar a arte. Enquanto quase todos os periódicos que a antecedem nascem em suportes físicos, impressos, a *Pixé* foi elaborada desde o princípio para ser um periódico digital, em uma mídia digital. Seu texto é essencialmente eletrônico, em conformidade com grande parte da produção literária e artística do século XXI, como aponta Chartier (1998, p. 67): “Abre-se aqui um caminho para esclarecer a situação contemporânea.

O que produz de fato a revolução do texto eletrônico, senão um passo suplementar no processo de desmaterialização, de descorporalização da obra, que se torna muito difícil de estancar?”

A descorporalização do meio impresso possibilita que os periódicos alcancem espaços maiores do que aqueles com suportes físicos. Podem circular entre os leitores das mais diversas localidades do mundo, estabelecer conexões de autores mato-grossenses com os de outros estados e países, como é o caso do número especial da *Pixé*, com a conexão Brasil e China.

Contudo, há ainda alguns aspectos deste processo de desmaterialização que precisam ser levados em conta, como nos lembra Dalcastagne (2012, p. 06):

(...) é preciso dizer, em primeiro lugar, que o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo. Sem dúvida, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, seja a partir de pequenas casas editoriais, em edições pagas, blogs, sites etc. Isso não quer dizer que esses espaços sejam valorados da mesma forma.

Ainda que não sejam valorados da mesma forma, ainda que parte da literatura veiculada pela *Pixé* seja produzida à margem dos grandes centros hegemônicos (e isso vai ao encontro do que Dalcastagne afirma sobre estes espaços, embora aparentemente ser democráticos), bem como ocorreu com vários periódicos produzidos e distribuídos em Mato Grosso, a produção literária na contemporaneidade segue de forma intensa. Nunca antes se produziu literatura como neste século, e isto se dá devido à facilidade que as mídias proporcionam: os *sites*, os *blogs*, as redes sociais são espaços que possibilitam a novos e velhos escritores publicarem gratuitamente. A política editorial da

Pixé abre espaço para uma diversidade de autores, de estéticas, de temas, contrastando-se com a homogeneidade apontada por Dalcastagne.

Perrone-Moisés (2016, p. 25) nos lembra algo neste sentido: “Nunca se publicou tanta ficção e tanta poesia quanto agora. Nunca houve tantas feiras de livros, tantos prêmios, tantos eventos literários. Nunca os escritores foram tão mediatizados, tão internacionalmente conhecidos e festejados”. Poderíamos, portanto, concluir que os periódicos poderiam ter perdido sua importância para o cenário cultural. Contudo, o que vemos acontecer é o contrário, ao mesmo tempo em que a crítica pensou a morte da literatura e esta não se concretizou, como Perrone-Moisés (ibid., p. 17) desdobra:

O fim do século XX. Coincidindo com o fim de um milênio, viu o anúncio de muitos “fins”: fim do Homem, fim da história, fim dos grandes relatos, fim das utopias, fim da cultura ocidental, fim dos intelectuais, fim da arte... Felizmente, nenhum desses “fins”, até agora, se concretizou. Mas é evidente que essas mortes anunciadas eram índices de mutações. A literatura não escapou às mutações da virada, e muitos anunciaram seu fim, cujos principais sintomas seriam o desaparecimento da espécie “grande escritor” (detectada e lamentada em todos os países ocidentais) e o encolhimento do público leitor de “literatura séria”.

A morte anunciada à qual a teórica se refere foi o anúncio de mutações que a literatura sofreu na virada do século, e elas – as mutações – trouxeram também um alargamento nas possibilidades de suportes para a literatura, principalmente com os avanços tecnológicos ocorridos neste século.

Ao contrário da extinção, do fim das revistas literárias, o que vimos ocorrer e a crítica, aparentemente, não esperava,

foram atualizações nos suportes. Enquanto no século passado eles eram impressos, físicos e palpáveis, o alargamento no início do século XX possibilitou a existência de suportes que são mídias, que nascem a partir de tecnologias existentes para outras finalidades, de recursos da comunicação em massa, como a internet e o computador.

Por que, então, o artista de nosso tempo recusaria o vídeo, o computador, a Internet, os programas de modelação, processamento e edição de imagem? Se toda arte é feita com os meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem do início do terceiro milênio. (Machado, 2007, p. 10)

Esta descorporalização do suporte, junto ao uso dos recursos tecnológicos disponíveis nas produções artísticas, possibilita que os artistas não necessitem da valoração dos centros hegemônicos, da crítica especializada e das editoras para que publiquem suas obras. “A verdade é que os jovens escritores não esperam mais a consagração pela ‘academia’ ou pelo mercado. Publicam como possível, inclusive usando as oportunidades oferecidas pela internet.” (Resende, 2008, p. 17).

Desta maneira, a produção artística sofre um *boom*, uma enxurrada de novos escritores, novos artistas plásticos que produzem a partir das alternativas de que dispõem; variedade esta que vemos ocorrer com a grande quantidade de artistas que contribuíram mensalmente com a *Pixé*, demonstrando como a produção no estado de Mato Grosso, desde o final do século passado, é vasta. Resende (2008, p. 17-18) argumenta, neste sentido, sobre a produção artística contemporânea:

(...) talvez mais importante para esta reflexão, é consequência da fertilidade, da juventude e das novas possibilidades editoriais: a *multiplicidade*. Multiplicidade é a heterogeneidade em convívio, não excludente. Esta característica se revela na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor e – eis aí algo novo – no suporte, que, na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação. São múltiplos tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura, postura que me parece a mais interessante e provocativa nos debates que vêm sendo travados.

A multiplicidade é característica da literatura contemporânea, a quantidade de escritores que produzem ficção neste século demonstra não apenas que a literatura é um campo longe de se encontrar próximo ao fim, mas que continua bem fecunda. E é neste panorama de produção artístico-literário que a *Pixé* nasce: na multiplicidade de tendências, de escritores, de leitores, de acessos à literatura e outras artes, na dissolução das fronteiras e na proximidade de escritores.

Na *Pixé* publicaram escritores consolidados, escritores iniciantes, escritores de outros estados, de outros países. Há o encontro dos grupos mais diversos, como o da Geração Coxipó, que produz literatura desde a década de 1980, com autores nascidos neste século, demarcando, inclusive, uma diferença de idade e de formas de se expressar literariamente. Como observamos no editorial da nona edição, “Aqui na *Pixé* todos falam e falam de tudo.” (Revista Literária *Pixé*, edição n. 9, dezembro de 2019, p. 03).

No decorrer das edições, o periódico disponibiliza espaço para a diversidade, para manifestações literárias, para um fazer artístico diverso e plural, que não se restringe a uma estética,

a uma temática. A produção contemporânea é marcada pela diversidade, por uma pluralidade estética facilmente perceptível:

Por tudo isso, a literatura contemporânea não reza no catecismo de nenhuma igreja, os movimentos viraram movimentações, os manifestos converteram-se em manifestações. Não queiram que os escritores prossigam com rituais do beija-mão ou gastem os joelhos nos antigos altares a flagelar o próprio estilo para alcançar a canonização depois da morte. O que não falta é santo com pé de barro. O grande lance é dar trabalho ao leitor e aos estudiosos. Enquanto eles vão com o caju, nós voltamos com a castanha. (Revista Literária Pixé, edição n. 1, abril 2019, p. 03)

A *Pixé*, neste ponto, está alinhada a novas tendências da contemporaneidade, oferecendo espaço para que os escritores publiquem, sem a necessidade de filiarem-se a um movimento literário, de seguirem uma determinada tendência ou de submeterem-se a regras impostas pelo mercado editorial, como Scholhammer (2009, p. 13) afirma: “As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os *blogs*, que facilitam a divulgação de textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo discutimos algumas das características da *Revista Literária Pixé*. Dentre o que fora discutido, salientamos como as revistas literárias ainda exercem uma grande influência no fomento da produção artístico-literária, bem como sua difusão, mesmo que, no século XXI, haja

uma maior facilidade de autopublicação, por meio de *blogs* e em outros meios que a *internet* promove. A revista ainda é um local onde os escritores de diferentes idades e gerações reúnem-se, partilhando de um espaço e objetivo em comum: terem suas obras publicadas e lidas.

Há várias motivações para a organização de um periódico literário, como há também diversos processos envolvidos, que podem influenciar sua periodicidade, seu projeto visual e, conseqüentemente, sua existência material, por exemplo. A existência de revistas literárias, neste século, no entanto, não é sinônimo de tiragens impressas, como vimos.

O suporte digital, como o caso de *Pixé*, garante uma flexibilidade para o periódico, como a possibilidade da reprodução, pela mídia digital, do aspecto visual dos periódicos impressos. A revista *Ruído Manifesto*, único periódico digital do qual tivemos conhecimento e que é anterior a *Pixé*, não mimetiza os parâmetros de uma revista impressa, como acontece em *Matapacos* e na revista analisada. Dito isto, *Pixé* é a primeira, em Mato Grosso, que simula uma revista com suporte impresso, ainda que seu suporte seja uma mídia digital.

Sobre a periodicidade de *Pixé*, os empecilhos encontrados para as publicações, inicialmente mensais, dizem mais respeito a fatores que envolvem a disponibilidade que o editor tinha para organizar edições e questões de incentivo, mais do que, propriamente, questões relacionadas a falta de interesse de escritores e artistas. O Editor Geral detalha sobre isto na entrevista concedida à UNEMAT, ao afirmar que após a Edição Piloto, primeira edição em que houve o convite de escritores e artistas plásticos, mas que depois de um tempo, nas suas palavras, o projeto tomou grandes proporções, não necessitando

pedir para que os artistas o enviassem suas obras.

Por fim, fica nítido como os periódicos não apenas fazem parte da história e memória cultural do estado, e conseqüentemente do país, como criam laços, abrem horizontes para os escritores e para existência de novas revistas literárias, oferecendo espaço para novas gerações e novos escritores, como foi com *Pixé*.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. *Revistas e Jornais: Um estudo do Modernismo em Mato Grosso*. Cuiabá: Unemat / Fapemat / Carlini & Carniato Editorial, 2012.

CAMPOS, C.; MAHON, E. Considerações preliminares sobre a Revista Mato-grossense Cidade Verde (1935). *Revista Ecos*, Cáceres-MT, v. 34, n. 1, p. 29 – 44, 2023.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun / Roger Chartier*. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Editora UNESP, 1998.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

HAYLES, N. K. *Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário*. Tradução: Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. 1. ed. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

MACHADO, A. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MAGALHÃES, H. G. D. *História da literatura de Mato Grosso: século XIX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MAHON, E. M. L. *Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso*. Tangará da Serra - MT, 2020. Dissertação (mestrado), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

MELLO, F. A. S. Elementos para uma história da literatura em Mato Grosso. *Polifonia*, v. 6, n. 06, p. 19-31, 2003.

MÜLLER, A. C. P. Imprensa e Leitura de Romances no Brasil Oitocentista. *Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos (Leopoldianum)*, ano 37, nº 101/102/103, p. 33 – 44, 2011.

MÜTZENBERG, João. *Livros a mãos-cheias: uma contribuição para a história da produção editorial em Mato Grosso (1970 – 2003)*. Cuiabá-MT, 2006. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

NADAF, Y. J. *Sob um signo de uma flor: estudo da revista A Violeta, publicação do grêmio literário “Júlia Lopes”, 1916 a 1950*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

NADAF, Y. J. *Páginas do passado: ensaios de literatura*. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2014.

NADAF, Y. J. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

NORA, G. D.; ZORTEA, C. E.; GUEDES, T. C. S.; GINDRI, E. Entre a feitura e a literatura: Pixé sobe ao palco Matogrossense. In: *Poética da crise: a obra literária de Eduardo Mahon*. Walnice Vilalva (Organizadora). Cuiabá – MT: Carlini & Carniato Editorial, 2023.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAMOS, I. N. A. Silva Freire e Wladimir Dias Pino: Poéticas de Vanguarda em Mato Grosso. *Revista Ecos*, n. 005, jul. 2007.

RESENDE, B. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

REVISTA LITERÁRIA PIXÉ. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

REVISTA LITERÁRIA PIXÉ. Cuiabá-MT, ed. n. 1, ano 1, abr. 2019. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/>. Acesso em: 5 jun. 2023

REVISTA LITERÁRIA PIXÉ. Cuiabá-MT, ed. n. 9, ano 1, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/>. Acesso em: 5 jun. 2023

ROCHA, C. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

SCHOLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

XXV Semana de Letras - UNEMAT Alto Araguaia - 2º dia.
Organizadores: Profº Dr.º Isaac Newton de Almeida Ramos e Aline Almeida. Entrevistado: Profº Dr.º Eduardo Mahon. [Local]: Alto Araguaia – MT. Curso de Letras Campus de Alto Araguaia, 20 jun. 2023. 1 vídeo (2:03:00 min.) Publicado pelo canal Curso de Letras Campus de Alto Araguaia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KbGPVHQuzvA>>. Acesso em: 20 mar. 2024.